

Institute of **Nautical Archaeology**

31 anos de Arqueologia Subaquática

E difícil avaliar com justeza todas as implicações e consequências do desenvolvimento da arqueologia em meio subaquático, pela mão de George Bass, no início da década de 1960. Tal como é difícil imaginar este desenvolvimento sem o papel pioneiro do Institute of Nautical Archaeology, criado em 1972 por George Bass, e cuja primeira reunião da direcção teve lugar há mais ou menos 31 anos, na Primavera de 1973.

A criação do Institute of Nautical Archaeology seguiu-se ao lançamento do livro clássico de George Bass *A History of Seafaring based on Underwater Archaeology*, e é quase sinónimo da institucionalização da arqueologia subaquática como uma disciplina informada por critérios científicos. E nestes últimos 31 anos a arqueologia subaquática desenvolveu-se, maturou-se e conquistou o respeito da comunidade científica, dos políticos e da sociedade em geral. Participar em projectos sérios de arqueologia subaquática é hoje cada vez mais uma opção para os mergulhadores amadores. A pesca intensiva, a poluição e as mudanças climáticas transformaram a maioria das zonas costeiras europeias em desertos sem qualquer interesse para os mergulhadores desportivos, que cada vez mais se tem de resignar a pagar para mergulhar em reservas naturais.

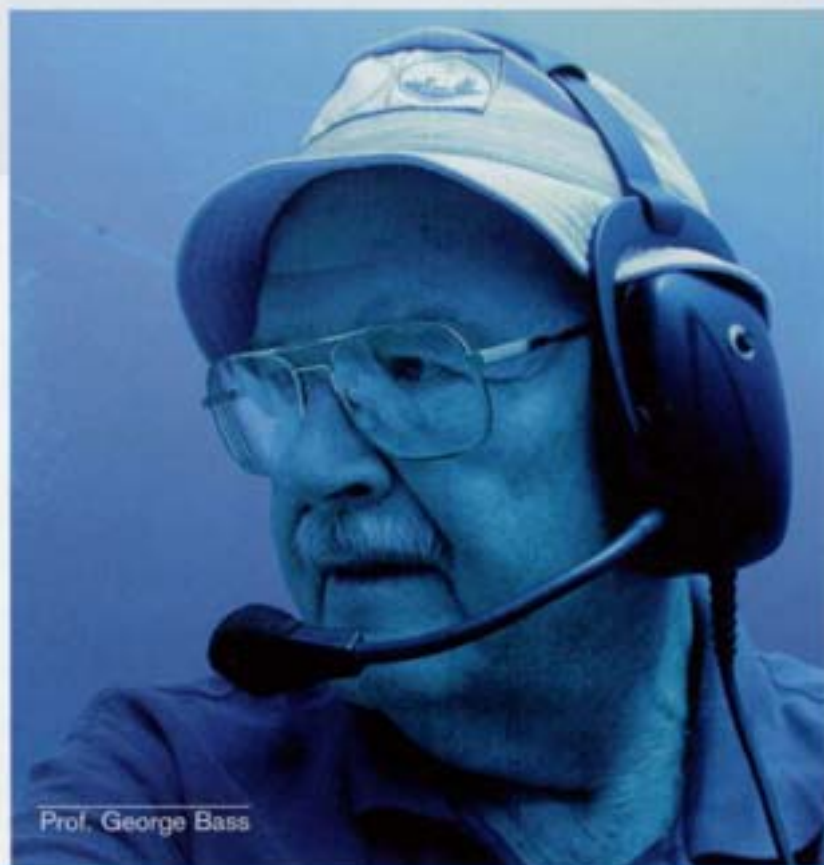
Assim, ao mesmo tempo que os políticos tomam consciência da fragilidade da situação do património arqueológico subaquático, aprovando por esmagadora maioria a carta de intenções da UNESCO para a sua protecção, os mergulhadores desportivos organizam-se um pouco por todo o lado em grupos para aprender as regras básicas dessa protecção. Ao mesmo tempo que os governos tomam medidas vigorosas contra

a pilhagem organizada (vulgo caça ao tesouro) ou desorganizada do património arqueológico subaquático, aparecem aqui e ali programas com títulos do género "Adopte um Naufrágio", em que os mergulhadores se organizam para desenhar, proteger e explorar comercialmente, através de visitas guiadas, restos de navios afundados.

Os arqueólogos só têm a ganhar. Nos países, como Portugal, em que é

possível utilizar mergulhadores desportivos em escavações arqueológicas, estes fazem uma parte importante do trabalho de campo, tornado-se os melhores aliados do estado – entendido aqui como pessoa de bem, representante dos interesses cidadãos – na dura tarefa de inventariar e proteger o património arqueológico subaquático.

Mas se esta situação permite olhar para o futuro com bastante optimismo, o passado recente não foi sempre assim. O desenvolvimento do escafandro autónomo abriu o fundo do mar ao público durante a década do 1950. Sem qualquer preparação, curiosos bem e mal intencionados destruíram praticamente todos os restos de naufrágios que encontraram, primeiro nas costas sul da França e da Itália, depois da Grécia, Espanha ➤

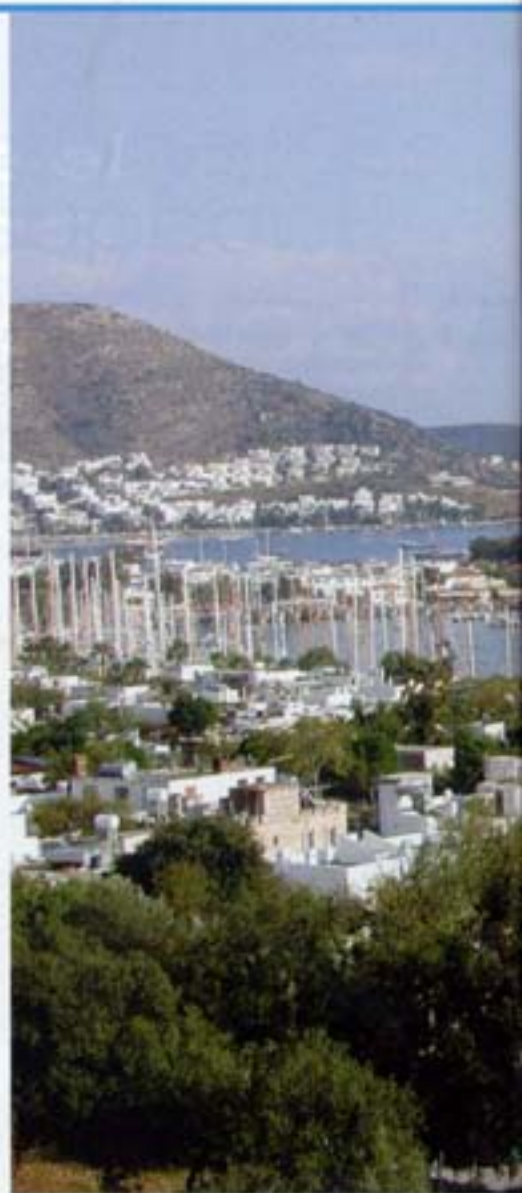


Prof. George Bass

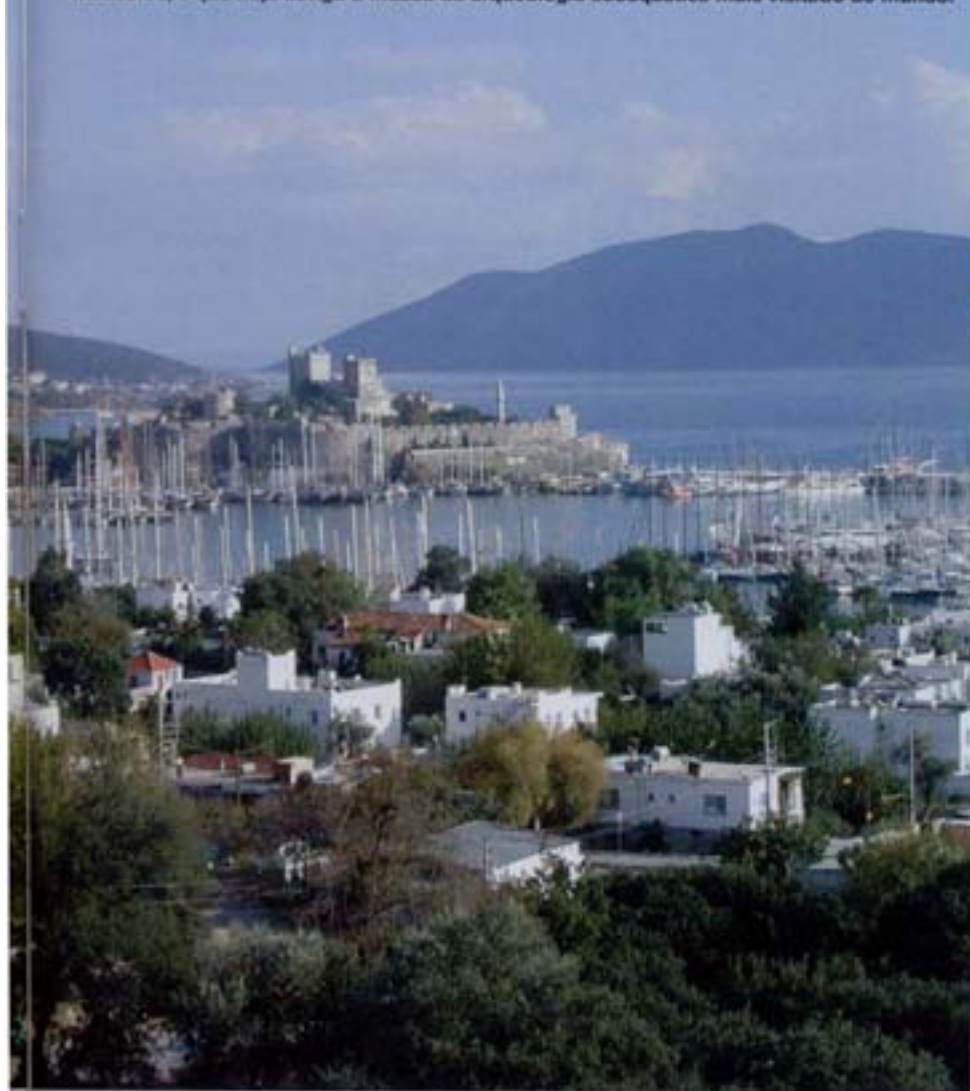
► e Portugal. Do outro lado do Atlântico a natureza da carga dos navios espanhóis do período colonial gerou uma corrida aos tesouros submersos cujo resultado foi a destruição quase total dos inúmeros restos de navios afundados, que até então estavam intocados desde o dia da sua perda.

O aparecimento da caça ao tesouro como uma indústria institucionalizada nas Caraíbas foi trágico para o estudo da história dos descobrimentos e da conquista do continente americano. Os caçadores de tesouros destruíram sem piedade todos os sítios de naufrágios que encontraram em busca de moedas, lingotes ou pedras preciosas. Apesar de a esma-

gadora maioria ter desperdiçado fortunas e mesmo vidas humanas em vão, os poucos que foram bafejados pela sorte viram as suas histórias repetidas incessantemente pelos media, década após década, vendendo à populaça das cidades o sonho de virem a resgatar um tesouro do fundo do mar, por entre corais e tubarões. Em resultado, sabemos mais hoje sobre os navios dos Gregos e dos Romanos do que dos navios dos descobrimentos portugueses ou da expansão espanhola no Novo Mundo. Mas o desenvolvimento do escafandro autónomo também abriu o acesso ao fundo do mar aos arqueólogos. A arqueologia subaquática deu os primeiros passos debaixo de água



Castelo de Bodrum, construído pelos Templários com pedras do túmulo do Rei Persa Mausúleo, e que hoje abriga o museu de arqueologia subaquática mais visitado do mundo.



como a Arqueologia tinha dado os primeiros passos no Egito e no Médio Oriente durante o século XIX: pela mão de amadores, apaixonados, curiosos e caçadores de objectos para museus.

A arqueologia científica, a que estuda contextos arqueológicos – e não a da imaginação popular, em que arqueólogos como o Indiana Jones do cinema arriscam a vida por objectos raros – só se desenvolveu a partir do início do século XX, e só chegou ao fundo do mar no início da década de 1960. Nesse ano George Bass, um jovem e enérgico arqueólogo da Universidade da Pennsylvania que nunca tinha visto umas garrafas nem um regulador, foi convidado para escavar o que pareciam ser os restos

dum navio da Idade do Bronze junto ao Cabo Gelidonya, na Turquia. Conta-se que no seu primeiro mergulho no mar, sobre o sítio do naufrágio, George Bass se deixou cair da borda do barco, de costas, e que foi nessa posição que desceu os quase 50 m de profundidade, tocando gentilmente no fundo com a garrafa antes de se conseguiu virar de barriga para baixo. Não creio que esta história seja verdadeira, mas essa descida memorável, de 50 metros de profundidade e 15 séculos de história, marcou uma mudança radical na carreira de George Bass, até aí um promissor arqueólogo especializado no período Clássico. O relatório de escavação do navio de Gelidonya demonstrou que também debaixo de água era possível utilizar

O aparecimento da caça ao tesouro como uma indústria institucionalizada nas Caraíbas foi trágico para o estudo da história dos descobrimentos

as técnicas tradicionais de escavação em seco, e que a arqueologia subaquática podia ser um ramo da arqueologia tão sério e rigoroso como a Egíptologia, ou qualquer outro ramo da arqueologia de terra.

Embora durante as décadas de sessenta e setenta do século XX os arqueólogos subaquáticos tenham continuado a ser olhados com um misto de curiosidade e desprezo por alguns dos seus colegas de terra, desde a escavação do navio do Cabo Gelidonya um número cada vez maior de historiadores e arqueólogos começou a compreender a importância do património arqueológico subaquático.

Hoje, menos de meio século depois daquele primeiro mergulho no Cabo Gelidonya, as contribuições da arqueologia subaquática para o conhecimento da história da Humanidade são incontáveis, cobrindo cinco milénios de contactos entre comunidades e civilizações autónomas, trocas de ideias e bens, comércio, guerra e história da tecnologia: os navios foram as máquinas mais complexas que os homens construíram durante muitos séculos.

A partir de 1960 George Bass dedicou a sua vida a promoção da arqueologia subaquática, escavando um navio após outro, todos os verões que se seguiram, e criando em 1972 o Institute of Nautical Archaeology (INA). Quatro anos depois, em 1976, o INA sedou-se na Texas A&M University, em College Station, no estado do Texas, propiciando a criação do Nautical Archaeology Program que ministra cursos de mestrado e doutoramento em arqueologia subaquática.

Desde 1973 o Institute of Nautical >>



► Archaeology promoveu projectos em mais de trinta países diferentes, escavou navios datados entre os séculos XVII antes da nossa era e XIX da nossa era, publicou mais de 400 títulos científicos, e promoveu ou colaborou na divulgação da arqueologia subaquática através de documentários televisivos, conferências, exposições ou artigos em revistas de grande divulgação, como a *Archaeology Magazine* ou a *National Geographic Magazine*.

Desde 1976 o Nautical Archaeology Program formou alunos de quase todos os estados dos EUA, bem como da África do Sul, Albânia, Bélgica, Bulgária, Canadá, China, Dinamarca, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Jamaica, Japão, Peru, Portugal, Suíça e Turquia. Muitos dos seus doutorados são hoje professores em programas de arqueologia subaquática em universidades espalhados pelos EUA.



INA prepara-se agora para entrar no mundo da arqueologia de águas profundas

As escolas de verão do Nautical Archaeology Program abrem cada ano aos alunos da Texas A&M University a possibilidade de participarem em projectos únicos.

A escavação de Port Royal, a segunda maior cidade anglo-saxónica no Novo Mundo destruída por um terramoto em 1692, durou dez anos, entre 1980 e 1989, e a publicação final dos resultados ainda está em preparação.

A escavação do navio de Uluburun, datado com a precisão de poucos anos a volta de 1300 antes da nossa era, revolucionou o conhecimento do comércio e da navegação da idade do bronze final, o tempo da Guerra de Tróia, do rei Tutankamon, e do Êxodo da Bíblia.

A escavação do navio bizantino de Serce Limani, datado de 1025 da nossa era, permitiu o estudo de uma colecção de fragmentos de entre 10.000 e 20.000 vidros e levou o responsável pela colecção arte islâmica do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque a dizer que esta escavação sozinha revolucionou o estudo da arte medieval islâmica. A escavação do navio de Serce Limani permitiu ainda o acesso às maiores colecções de armas e de ferramentas bizantinas jamais encontradas.

O trabalho do Prof. Kevin Crisman no Lago Champlain trouxe à luz do dia a bravura dos soldados que defenderam o seu jovem país da invasão inglesa de 1814, e o génio dos carpinteiros navais americanos que poucas décadas depois iriam revolucionar o comércio marítimo com a invenção dos Clippers.

Com trinta longos anos de experiência neste início do século XXI, o INA prepara-se agora para entrar no mundo da arqueologia de águas profundas, um ramo da arqueologia que apresenta novas dificuldades e novos desafios. ■